

Palavra de Vida

*“Ao que
tiver sede,
Eu lhe darei
a beber
gratuita-
mente, da
nascente
da água
da vida”*

(Ap 21, 6)⁽¹⁾.

O apóstolo João escreveu o Livro do Apocalipse para consolar e encorajar os cristãos do seu tempo, diante das perseguições que se estavam a alastrar. É um livro cheio de imagens simbólicas, que revela a visão de Deus sobre a História e a sua realização final: a vitória definitiva de Deus sobre todas as potências do mal. Descreve essa realização plena e gloriosa, que Deus pensou para a humanidade.

É a promessa da libertação de todo o sofrimento: o próprio Deus «enxugará todas as lágrimas dos seus olhos; e não haverá mais morte, nem luto, nem pranto, nem dor» (Ap 21, 4).

“Ao que tiver sede, Eu lhe darei a beber gratuitamente,
da nascente da água da vida” (Ap 21, 6).

«Ao que tiver sede, Eu lhe darei a beber gratuitamente, da nascente da água da vida».

Esta perspectiva está já a germinar no presente, para todos aqueles que começaram a viver na busca sincera de Deus e da sua Palavra (que nos manifesta os projetos divinos). E para aqueles que têm sede de verdade, de justiça, de fraternidade. Sentir sede, estar à procura é, para Deus, uma característica positiva, um bom início. Aliás, Ele promete levar-nos à fonte da vida.

A água que Deus promete é uma dádiva gratuita. Uma oferta que é feita não só para quem espera ser agradável aos Seus olhos pelos seus próprios esforços, mas também para quem sente o peso da sua fragilidade e se abandona no Seu amor, com a certeza de ser curado e de encontrar assim a plenitude da vida, a felicidade.

Portanto, interroguemo-nos: de que é que temos sede? E em que fontes vamos matar a sede?

«Ao que tiver sede, Eu lhe darei a beber gratuitamente, da nascente da água da vida».

Talvez tenhamos sede de ser aceites, de ter um lugar na sociedade, de realizar os nos-

... projetos... Aspirações legítimas que, todavia, podem conduzir-nos aos poços inquinados do egoísmo, levando a fecharmo-nos nos interesses pessoais, a ponto de oprimir os mais fracos. As populações que sofrem, por causa da escassez de poços com água pura, conhecem bem as consequências desastrosas da falta deste recurso, que é indispensável para garantir a vida e a saúde.

Todavia, escavando mais fundo no nosso coração, encontraremos uma outra sede, aquela que o próprio Deus pôs dentro de nós: viver a vida como uma dádiva que se recebeu e que é preciso dar. Portanto, vamos à fonte pura do Evangelho, libertando-nos daqueles detritos que porventura a cobrem. Pela nossa parte, deixemo-nos transformar em fontes de amor generoso, acolhedor e gratuito para com os outros, sem nos determos perante as inevitáveis dificuldades do caminho.

«Ao que tiver sede, Eu lhe darei a beber gratuitamente, da nascente da água da vida».

Quando entre nós, cristãos, pomos em prática o amor recíproco, damos oportunidade a Deus de intervir de maneira especial, como escreve Chiara Lubich:

«Cada momento em que procurarmos viver o Evangelho é como se bebêssemos uma gota daquela água viva. Cada gesto de amor para com

o nosso próximo é um gole daquela água. Sim, porque aquela água tão viva e preciosa tem isto de especial: jorra no nosso coração sempre que o abrimos ao amor para com todos.

A nascente de Deus dá água, na medida em que o seu veio profundo servir para saciar a sede aos outros, com pequenos ou grandes atos de amor. E se continuarmos a dar, aquela fonte de paz e de vida dará água com uma abundância cada vez maior, sem nunca secar. E há também um outro segredo que Jesus nos revelou, uma espécie de poço sem fundo aonde podemos ir beber. Quando dois ou três se unem no Seu nome, amando-se com o mesmo amor de Jesus, Ele está no meio deles. É então que nos sentimos livres, unidos, cheios de luz. E rios de água viva irão correr do nosso coração. É a promessa de Jesus que se realiza, porque é d'Ele mesmo, presente no meio de nós, que jorra a água que sacia a sede para a eternidade» (2).

Letizia Magri

1) No mês de fevereiro propomos esta Palavra de Deus, que um grupo de irmãos e irmãs de várias Igrejas escolheu na Alemanha, para viver ao longo de todo o ano; 2) cf. C. Lubich, *Uma água que sacia*, Cidade Nova, 12 [2002], 2, p. 21.